

**A iluminação como forma de linguagem na Fotografia conceitual de moda**  
Armando Pilla<sup>1</sup>, Amanda Cristine Tambosi<sup>2</sup>, Cynthia Morgana Boos de Quadros<sup>3</sup>

Resumo

O presente artigo tem por objetivo reunir informações da técnica de iluminação, a luz como elemento de linguagem na construção de conceitos de moda e tendências através de uma análise com base na amostra de fotos das revistas brasileiras direcionadas a moda, a revista *Catarina* e revista *FFw Mag*. A análise das fotografias foi feita sob a ótica da DNI (Direção, Natureza e Intensidade) da luz que incidiu em cada uma das fotos escolhidas.

Palavras-chaves

Fotografia, iluminação, linguagem não-verbal, editorial fotográfico.

Abstract

This main objective of this article is to put together information related to techniques of light photography. In this article the light is presented as a language element that helps to construct mode concepts and tendencies. The photos that compose the sample were selected from two Brazilian fashion magazines: revista *Catarina* and the revista *FFw Mag*. The analysis was done using the DNI (direction, nature, and intensity) of the light that influenced the chosen photos.

Key words

Photography, non-verbal language, editorial photographic.

## 1. Introdução

A comunicação humana é um fenômeno pelo qual o homem mantém as suas relações sociais. Para que haja comunicação, há necessidade de ter entre outros, o processo do *acto comunicativo* que tem por início o emissor (seres humanos), que é o responsável por criar e transmitir a mensagem (informações). O receptor responsável pelo recebimento da mensagem e pela sua decodificação e assimilação.

Segundo os referenciais teóricos propagados por McLuhan (2006), o autor questiona o processo comunicacional nos meios eletrônicos.

O meio é a mensagem, isto apenas significa que as conseqüências sociais e pessoais de qualquer meio, ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos, constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos. (2006: 21).

Segundo Pilla (2005: 8) “Não há como negar que o desenvolvimento tecnológico fez da comunicação um fato relevante para a civilização identificada como pós-moderna”.

O desenvolvimento está no<sup>4</sup> centro de debates das ciências que procuram compreender o homem e seu cotidiano comunicativo, principalmente no que diz respeito à linguagem utilizada na mensagem, pois segundo McLuhan, (2006: 22) “A mensagem, de qualquer meio ou tecnologia, é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas”.

A mensagem pode ser veiculada em múltiplos formatos, como um *spot* de rádio, uma página de revista, um filme, um comercial de televisão ou um *pop up* (anúncio que pipoca de repente na tela, num quadrinho à parte; peça similar a um folheto que, quando aberta, "ejeta" uma ilustração tridimensional) na internet.

Bakhtin (1999: 117) contesta essa afirmação ponderando que “a atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior a um território social”, ou seja, todo o percurso entre a produção e a recepção de mensagens está situado num campo de relações e trocas, de interesses e intencionalidades,

Zeca Martins (1999: 47) pondera que “são dezenas, centenas e milhares de profissionais envolvidos na árdua tarefa de comunicar alguma coisa a milhões de pessoas, e de conhecê-las bem de perto, quase que uma a uma, informando e seduzindo positivamente”.

Transmitir arte como informação ou apenas informação, não é simplesmente jogar aos ventos algo que possa interessar à alguém, o processo na teoria parece simples, mas na prática tudo muda isso se deve justamente a adequação da informação com determinado meio de comunicação, não basta apenas querer comunicar, mas sim saber quais os reais caminhos que essa informação deve percorrer para que seja proveitosa e funcional, e neste ponto Machado afirma;

É impensável uma época de florescimento cultural sem um correspondente progresso das suas condições técnicas de expressão, como também é impensável uma época de avanços tecnológicos sem conseqüências no plano cultural e, sobretudo sobre os meios que nos permitem dar expressão á idéias. (1993: 11).

A tecnologia não apenas trouxe grandes benefícios e facilidades na produção artística como também desenvolveu estilos próprios de linguagens.

Araújo (1996) acrescenta que, ao ser enviada, a mensagem passa por um processo de significação ou de transferência de sentido. No entanto, cabe ressaltar que está em jogo principalmente nos veículos da indústria cultural a colocação da operação dos signos, compostos, ressaltados na teoria do lingüista Sausurre (1995), de um significante e um significado.

Segundo Pilla (2005: 11), conceito é sinônimo de significado (plano das idéias), algo como o lado espiritual da palavra, sua contraparte inteligível, em oposição ao significante (plano da expressão) que é sua parte sensível.

No entanto, na comunicação midiática, há a necessidade de se utilizar suportes como vídeos, filmes e fotos, que empregam a imagem como principal elemento de linguagem. Captar, digitalizar, editar, imprimir e preparar a imagem para apresentar uma idéia, são ações que compõem um processo de produção e também um processo de significação

A imagem técnica é o resultante de vários fatores, tais como filmes, fitas, CDs, DVDs, ação de luzes, linhas de varredura, pixels e principalmente de representações condicionadas aos diversos suportes tecnológicos através de seus significantes e significados.

Machado (1993) não apenas defende estes fatores tecnológicos como faz referência a utilização deles com criatividade. Para o autor

A questão principal, enfim, não é saber se o artista se torna menos ou mais livre, menos ou mais criativo trabalhando no coração das máquinas, mas se ele é capaz de recolocar as questões da liberdade e da criatividade no contexto de uma sociedade cada vez mais informatizada, cada vez mais imersa nas redes de telecomunicações e cada vez mais determinadas pelas representações que faz de si mesma da indústria cultural. (1993: 38)

Machado (1993) evoca que, os artistas ainda estão salvos por sua criatividade, idéia e liberdade de criação, assim podemos interpretar como ferramentas que tornam a mensagem eficaz.

Neste sentido, a montagem não representa apenas um arranjo harmonioso das imagens captadas com a utilização de suportes tecnológicos disponíveis, mas também a expressão do autor, que escolhe determinados elementos, selecionando-os entre uma série de elementos possíveis – e se elegeu uns e não outros, sua influência como indivíduo pensante marca a produção. Como no caso da fotografia, onde determinados referenciais são preteridos em favor de outros para compor a foto.

Na linguagem não-verbal, a imagem que nos traz a percepção visual, abriga duas categorias: a imagem em movimento e a imagem estática.

A fotografia, que faz parte da categoria das imagens estáticas, é definida por Dondis como sendo:

dominada pelo elemento visual em que interatuam o tom e a cor, ainda que dela também participem a forma, a textura e a escala. Mas a fotografia também põe diante do artista e do espectador o mais convincente simulacro da dimensão, pois a lente, como olho humano, vê, e expressa aquilo que vê em uma perspectiva perfeita. (1997: 215.)

Podemos dizer que o código fotográfico se apresenta como as influências que fazem de uma imagem ser chamada de fotografia, este elemento de percepção visual, o código fotográfico, não só é modificado como também está sempre em processo de evolução. Elementos como luz, enquadramento, composição e foco, podem modificar e direcionar expressivamente esta percepção.

Fotografia é comunicação visual como elemento aditivo à comunicação, assim como as artes gráficas, a produção de vídeo e produção de áudio ela acontece a partir da aplicação de técnicas determinantes para sua construção e desenvolvimento.

De acordo com José (1998) existem determinadas técnicas básicas, mas fundamentais para o registro de uma fotografia, são elas: enquadramento (que planos serão utilizados), Iluminação (luz natural ou luz artificial, sombras e luzes), foco (com ou sem profundidade de campo, neste caso totalmente focado ou algum elemento apenas, em foco), movimento (congelamento ou efeito borrão), forma (tridimensionalidade), ângulo (posição da máquina), cor, (colorida ou preto e branco) e textura (impressão visual).

Para obter-se uma imagem, qualquer que seja ela é imprescindível que se tenha luz, pois não existe imagem sem luz.

Neste sentido, a luz, sob o ponto de vista da linguagem, é um valor de composição fundamental para a fotografia. Assim como o pintor necessita lidar com as tintas para compor sua obra, o fotógrafo precisa da luz para registrar a imagem num plano.

Lüersen (2006) afirma que "Entre os elementos que dão vida à fotografia, a luz tem a função de captar e registrar as nuances nas imagens em cores e as gradações de cinza nas fotografias em preto e branco; além disso, ela "dá o clima (atmosfera) de uma foto, e isso já é informação", afirma Guran (1992: 33).

O conceito de iluminação surgiu já no século XVII com o famoso pintor Rembrandt que pintava como se estivesse fotografando, pois de acordo com (Arnheim, 2000: 315) "Rembrandt realça a luminosidade, evitando detalhes nas áreas de mais alta claridade, num sentido mais didático, a iluminação tende a guiar a atenção seletivamente de acordo com o significado desejado." Utilizando três pontos de luz onde dava volume

aos seus retratados, basicamente Rembrandt contraponha o claro e o escuro, de modo que onde o rosto do retratado estivesse iluminado o fundo estaria escuro e onde seu rosto estivesse escuro Rembrandt deixava claro.

Explica de forma mais detalhada Dondis sobre a técnica utilizada por Rembrandt:

A intensificação vai ainda mais longe que a mera justaposição de elementos díspares, consiste em uma supressão do superficial e desnecessário, que por sua vez leva ao enfoque natural do essencial, Rembrandt utilizou este método no desenvolvimento de sua técnica do claro-escuro, o nome dessa técnica, portanto vem da combinação de duas palavras italianas: *chiaro* e *scuro*, são esses os elementos que ele usa, a claridade e a obscuridade. Em suas telas Rembrandt destacava os tons intermediários para realçar seu tema com um aspecto majestoso e teatral, onde a incrível riqueza dos resultados é um argumento tão forte para o entendimento e a utilização do contraste quanto quaisquer outros que possam ser encontrados em qualquer nível, no corpo da obra visual. (1997: 119).

Para Cordeiro (2006), existem vários segmentos em que se divide a fotografia, dentre estes vários segmentos se destacam a fotografia documental, a fotografia jornalística e a fotografia publicitária que ainda segundo o autor, esta, muitas vezes se manifesta através da transmissão de idéias e conceitos.

Neste contexto, quando se fala de conceito inserido na fotografia pode-se destacar os editoriais de moda. Produção feita exclusivamente para ilustrar as capas de cada nova edição de uma revista de moda e tendências.

Evidencia-se a participação do fotógrafo, uma vez que as imagens obtidas são frutos de uma escolha prévia. Pode-se dizer que a luz confere à imagem valores de composição subjetivos, como por exemplo, o conceito de moda na fotografia, que necessitam da percepção de quem as observa.

Machado (1997: 37) defende esta questão quando afirma que, “em toda cultura técnica há um componente que não pode ser quantificado, muito menos abordado em termos de “limites”: a imaginação dos homens sejam eles homens que fabricam as máquinas ou os que as põem a funcionar”.

Neste cenário de tão interessantes possibilidades de produção de mensagens se insere a pesquisa aqui apresentada, que busca responder à seguinte pergunta: A iluminação fotográfica para revistas de moda apresenta diferenças em revistas regionais e nacionais?

### Metodologia

Para identificar e analisar as diferenças de iluminação nas fotografias dos editoriais de moda regional para o nacional, buscou-se em autores especialistas e autores sobre metodologia científica, orientação sobre o método de pesquisa que melhor enfocasse o assunto abordado nesta pesquisa.

Considerou-se como universo desta pesquisa, todas as publicações sobre moda editadas no Brasil e que tem venda avulsa em bancas de revista, que têm em seu corpo editorial fotos produzidas por fotógrafos em estúdio ou externa no período compreendido entre outubro de 2005 e março de 2009.

E para composição da amostra, optou-se pelo processo de amostragem do tipo não-probabilístico por julgamento. Foram levados em consideração elementos de linguagem da fotografia de cada uma delas tais como, distribuição (regional ou nacional) e Iluminação, a luz como principal elemento de linguagem na fotografia de moda conceitual destes editoriais.

Para a realização da pesquisa foram selecionadas as revistas Catarina de circulação predominantemente regional em Santa Catarina e Ffw Mag com circulação nacional. Foram selecionadas 6 fotos sendo 3 fotos de cada revista em edições diferentes.

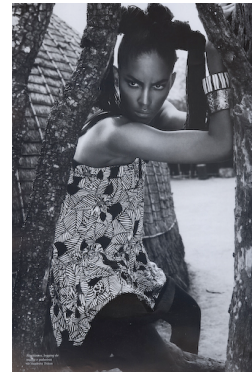
### Análise

A análise foi feita sob o enfoque luz como elemento de linguagem na aplicação do conceito de moda.

Foi considerada nesta pesquisa a linguagem da iluminação fotográfica sob a ótica da teoria de Moura (1999), denominada de DNI (Direção, Natureza, Intensidade), que representam as três principais características de ocorrência da luz ao fotografar.

A foto escolhida tem como característica estar impressa em tons de cinza, apresenta uma modelo negra de olhos castanhos escuro, posando numa espécie de aldeia na África.

A modelo se encontra sentada em uma das árvores, seu corpo está posicionada lateralmente e seu rosto colocado de forma frontal para câmera.



**Ilustração 1: FFW Mag** - foto modelo na África

**Fonte:** Revista *FFW Mag* ano 2006, p. 156

Sob a ótica da Luz, pode-se dizer que com relação à sua direção, baseado nas teorias de Moura (1999), foram encontradas dois tipos de luzes, luz principal e contra-luz. Com relação a luz principal nota-se que ela está posicionada frontalmente em relação ao rosto da modelo. Por ser a luz que retrata a maior parte do corpo da modelo, ela se caracteriza como luz principal ou Keylight, que de acordo com Salles (2009) e neste caso, também ilumina o principal assunto na fotografia.

Quanto ao contra-luz, Salles (2009) coloca que sua utilização tem como principal função recortar o modelo do fundo proporcionando volume a imagem.

No que diz respeito à natureza da luz, o “N” do (DNI) referente ao código de como iluminar por Moura (1999), a luz principal foi considerada de natureza difusa por suavizar e eliminar os contornos de sombra onde ela atinge e ao mesmo tempo a natureza do contra-luz utilizado, foi considerado por ter características de luz dura por trazer contrastes nítidos na passagem de luz para sombra.

Quanto a intensidade da luz principal na fotografia acima, nota-se que existe um elevado grau de informação no que diz respeito a textura da pele e roupa da modelo, o que caracteriza uma luz bem exposta ou equilibrada.



Já o contra-luz, foi identificado por sua intensidade como sendo superexposto por trazer o branco puro da luz estourada, eliminando a informação onde ela atinge a modelo.

A foto escolhida tem como característica estar impressa em cores, apresenta uma modelo caucasiana de olhos azuis, vestida com uma camiseta xadrez, segurando com as duas mãos em cima de sua cabeça um adorno com flores que remetem à cultura do Japão. A modelo está posicionada frontalmente com relação ao seu rosto e o corpo transparecendo uma leve inclinação à esquerda da fotografia.



**Ilustração 2 - FFw Mag-** Foto Modelo Japão.

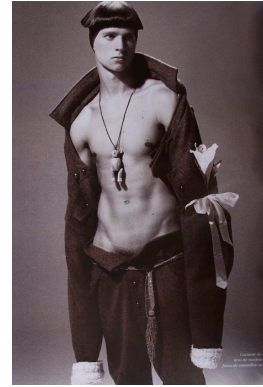
Fonte- *Revista FFw Mag* ano 2008, p. 230.

Considerando os princípios do DNI formulados por Moura que norteiam esta análise, no que diz respeito a direção da luz na modelo, assim como, com base nas sombras provocadas pela luz e sua posição em seu rosto e mãos, pode-se perceber que nesta imagem apenas uma fonte de luz foi utilizada para retratar o principal assunto na fotografia.

Como foi dito anteriormente, observou-se que não houve a existência de uma luz secundária ou contra-luz nesta fotografia, desta forma a análise da natureza da luz será feita a partir da luz principal.

No que se refere a intensidade da luz principal na fotografia, e levando em consideração que apenas uma fonte foi detectada, sua intensidade se caracterizou como sendo bem exposta ou equilibrada, e sua natureza se mostrou difusa pela marcante suavização das sombras e pela grande passagem de luz para sombra no corpo da modelo.

A foto escolhida tem como característica estar impressa em tons de cinza, apresenta um modelo masculino caucasiano de olhos castanhos, vestido de frade, com peruca característica. Seu corpo está posicionado diagonalmente à esquerda na fotografia e seu rosto está posicionado diagonalmente à direita.



**Ilustração 3 – FFW Mag – Foto Frade**

Fonte – *Revista FFW Mag* 2009 p. 178

Sobre a direção da luz na imagem, percebe-se que existem duas fontes iluminando o modelo, luz principal e contra-luz.

Segundo Salles (2009) a luz principal ou keylight tem como função iluminar o assunto principal quando se fotografa, assim como Moura (1999) acredita que ela seja considerada principal, pelo fato dos fotógrafos partirem dela para construir outras luzes na cena.

Quanto ao contra-luz, Salles (2009) a caracteriza por ter a função de recortar o modelo do fundo na cena fotografada.

No que diz respeito a natureza das duas fontes de luz encontradas na imagem (luz principal e contra-luz) percebe-se que as duas luzes trabalhadas possuem características semelhantes no que diz respeito a sua natureza, isto é, luz dura e concentrada.

A luz principal na imagem está causando um forte contraste entre luz e sombra, percebe-se que no pescoço do modelo, a sombra é bem marcada e escura, assim como o contra-luz na peruca e gola da vestimenta do modelo se caracterizam também como luz dura pelo forte contraste entre luz e sombra.

Quanto a intensidade da primeira fonte de luz identificada, a luz principal, nota-se que a proporção de informação contidas nas áreas em que a luz atinge é bastante acentuada,

de forma que se pode perceber detalhes como os cílios do modelo, fios de cabelo e textura de pele.

No que se refere ao contra-luz, sua intensidade foi considerada como sendo superexposta por não proporcionar informação suficiente nas áreas onde ela atinge.



**Ilustração 4 - Catarina- Foto  
Plumas**

Fonte - *Revista Catarina* ano 2005  
p. 38

A foto escolhida tem como referência principal estar impressa em cores, apresenta uma modelo feminina caucasiana de olhos castanhos, vestido de amarrações artesanais em pérolas, cabelo loiro e preso e por cima de seus ombros possui uma pluma colorida. Seu corpo e rosto estão posicionados frontalmente em relação à câmera. A foto foi produzida fora do estúdio, em um ambiente que pode ser interpretado como o hall de um prédio.

No que diz respeito a direção da luz nesta fotografia pode-se perceber que foram utilizadas duas fontes, uma considerada como luz principal e outra, secundária, o contra-luz. A luz principal para Moura (1999), tem como função iluminar a maior parte do objeto/pessoa na cena, enquanto o contra-luz para o autor tem por função recortar o modelo do fundo utilizado trazendo tridimensionalidade a imagem.

Quanto a natureza das duas fontes de luz identificadas na fotografia compreende-se que suas diferenças são bem distintas, a luz principal tem por natureza ser difusa sendo que o contra-luz acontece de forma dura e concentrada.

Quanto às partes do rosto e corpo da modelo que estão iluminadas pela luz principal, percebe-se que a quantidade de informação na imagem é suficiente para que se visualize detalhes da modelo como linhas das plumas, linhas da bolsa em sua mão, pérolas de seu vestido como também textura de sua pele.

Já a intensidade do contra-luz se caracterizou como sendo superexposto por eliminar os detalhes de informação onde ele atinge.



A foto escolhida tem como característica estar impressa em cores, apresenta uma modelo feminina caucasiana de olhos castanhos, a modelo usa um vestido longo e estampado característico do carnaval tema do editorial.

Em sua cabeça e testa utiliza adornos brilhantes e coloridos, também característicos do carnaval.

Seu corpo e rosto estão posicionados à esquerda na fotografia diagonalmente em relação a câmera sob o plano de contra-plongée, isto é, de baixo para cima.

**Ilustração 5 – Catarina - Foto Carnaval**  
Fonte - *Revista Catarina* 2007  
p. 74.

Sobre a direção da luz nesta imagem, sua análise estará focada em uma única fonte de luz, a luz principal.

Partiu-se da premissa da utilização de apenas uma única fonte de luz na fotografia, pelo posicionamento de seu ataque, ou seja, 45° à esquerda da modelo como também e em consequência a partir da direção das sombras causadas por esta luz. Nota-se que não existe nenhuma suavização das sombras pelo alto contraste e curta passagem de luz para penumbra, assim como a existência de um contra-luz é nula pela linearidade da exposição, isto é, não houve uma ocorrência marcante de baixas e altas luzes.

Quanto a natureza da luz, a semi-difusão é considerada por Salles (2009) por ter uma característica intermediária entre luz dura e difusa. Para o autor, esta natureza constrói contornos ainda nítidos, no entanto permite uma maior suavidade na passagem de luz para sombra acarretando no aumento da região de penumbra.

Quanto a intensidade da luz principal que atinge a modelo nesta imagem, e partindo das considerações teóricas de José (1998) e Moura (1999), nota-se que o controle da

abertura do diafragma da câmara foi determinado para que a luz acontecesse de forma equilibrada.

A maioria dos detalhes da cena assim como os detalhes e nitidez dos elementos que compõem a produção de moda, como contraste das estampas do vestido, dobras na extremidade da cauda do vestido, textura dos elementos do adorno em sua cabeça e textura da maquiagem e pele da modelo aparecem com definição e informação.

Desta forma a intensidade da luz nesta fotografia foi considerada, portanto como uma exposição equilibrada.



A foto escolhida tem como característica estar impressa em cores, apresenta uma modelo feminina caucasiana de olhos azuis, a modelo usa um colete branco, gola avulsa branca e saia cintura alta branca.

Seu cabelo se apresenta com a parte superior arrepiado e separada do resto do cabelo que está dividido em três tranças. Em suas mãos utiliza luvas curtas e pretas com a ponta dos dedos aparente. Seu tronco e rosto estão posicionados levemente á esquerda na fotografia e suas pernas estão cruzadas e voltadas para o lado direito.

**Ilustração 6 – Catarina – Foto Global**

Fonte - *Revista Catarina* ano 2009  
p. 68

A direção da luz nesta fotografia será analisada sob a ótica das teorias de Moura (1999), a partir do posicionamento da luz, que foi trabalhada frontalmente em relação ao rosto e corpo da modelo.

Nesta fotografia percebe-se que foram utilizadas duas fontes de luz, principal e luz secundária.

Quanto a natureza das duas fontes de iluminação identificadas na fotografia, observou-se que suas características são semelhantes, isto é, luz principal com natureza semi-difusa e luz secundária com natureza difusa, pois de acordo com Salles (2009) a luz semi-difusa está mais próxima da luz difusa do que da luz com natureza dura.

Quanto a intensidade da luz principal nesta imagem, percebe-se que na maior parte em que ela atinge, ou seja, no lado direito da modelo, e levando-se em conta que a cor da roupa da modelo já é branca, pouca informação de detalhes e textura do tecido e textura de pele em seu rosto são mostradas, pode-se considerar sua intensidade com sendo superexposta.

No caso da intensidade da luz secundária, sua intensidade foi considerada equilibrada por trazer informação do lado esquerdo da modelo no que diz respeito a textura de sua pele e textura de sua roupa branca.

### Considerações finais

Nas fotos da revista FFW Mag, observou-se que a utilização da luz secundária ou auxiliar na produção destes editoriais foi repetidamente nula nas três fotos analisadas, o que mostra a preferência por sensações mais fortes, densas e marcantes na fotografia e conceitos pretendidos pela revista.

No caso da luz principal, a direção totalmente frontal, natureza difusa e intensidade equilibrada, prevaleceram na maioria dos editoriais analisados, revelando uma maior intenção de sombras pouco marcadas e um alto grau de informação no rosto e corpo dos modelos fotografados

Quanto ao contra-luz, houve uma predominância na sua direção, colocada sempre por trás dos modelos, sua natureza se mostrou dura e concentrada e sua intensidade superexposta na maioria das fotografias, mostrando o constante propósito da revista em inserir a tridimensionalidade em seus editoriais constatando uma tendência na utilização do contra-luz superexposto.

Das fotos da revista *Catarina*, chegou-se também a linearidade da aplicação da luz principal em seus editoriais, colocada na maioria das vezes de frente para o modelo e sua natureza se mostrou predominantemente semi-difusa, porém, a revista mostrou uma significativa evolução quanto ao seu último e mais recente editorial analisado, no que



diz respeito a utilização da luz secundária, sendo a única ocorrência dentre todas as seis fotos analisadas.

Com relação ao contra-luz notou-se que sua utilização foi nula na maioria das fotos analisadas, o que mostra que o conceito pretendido pela revista *Catarina*, foi de trabalhar informação com pouca tridimensionalidade revelando seus conceitos através não só do modelo, como também da mistura de modelo e cenário.

Na comparação dos resultados da luz como elemento de linguagem na aplicação de um conceito de moda nos editoriais das revistas escolhidas, notou-se uma grande discrepância quanto a utilização do contra-luz e ao mesmo tempo semelhanças quanto a utilização da luz principal e luz secundária.

Quanto a luz principal, a análise mostrou o mesmo número de ocorrências da luz principal colocada frontalmente em relação a modelo nas duas revistas, ou seja, em duas das três fotografias analisadas da revista *Catarina* e duas vezes nas fotografias da revista *FFw Mag*.

Com relação a natureza, a análise mostra que na revista *Catarina* duas fotos apresentaram luz semi-difusa, enquanto na revista *FFw Mag* duas fotos apresentaram luz difusa. Entretanto, mesmo que exista diferenças quanto a estas duas características, a luz semi-difusa está mais próxima da luz difusa do que da luz dura, a análise mostra que ainda assim existe semelhança quanto a natureza da luz principal utilizada nas duas revistas.

Outra grande semelhança encontrada na análise foi a não utilização da luz secundária na produção de cinco editoriais analisados, isso mostra que a proposta das duas revistas, independente de sua circulação, é contrastar e deixar mais marcante as sombras que a luz principal unida com o contra-luz provocam.

Quanto a *Revista Catarina*, a pesquisa mostra que em sua maioria, ou seja, em duas das três fotografias analisadas não houve ocorrência do contra-luz, enquanto na revista *FFw Mag*, duas das três fotos analisadas mostraram o uso do contra-luz. Estas considerações respondem a indagação feita no início desta pesquisa quando o pesquisador colocou

como sendo um dos objetivos a verificação da técnica fotográfica nos editoriais das revistas em questão, como também vem de encontro aos anseios da pesquisadora quando buscou referência para saber se existe ou não diferenças nas técnicas de iluminação utilizadas pelos fotógrafos de cada revista.

Na utilização da luz como elemento de linguagem na aplicação de conceitos, chegou-se ao entendimento que no caso da revista *Catarina* houve uma preocupação maior em transparecer um determinado conceito, na maioria das vezes, através da união de modelo e cenário utilizados, isto é, foi marcante a constatação de que a Revista Catarina trabalha sua fotografia editorial e os tipos de luzes utilizadas sempre levando em consideração o modelo e o cenário escolhido para construir um conceito.

Na revista *FFw Mag*, na maioria dos editoriais analisados a luz foi utilizada como elemento de linguagem principalmente aplicada ao modelo, ou seja, para construir um conceito na fotografia de seus editoriais a luz foi trabalhada na maioria das fotos para destacar o modelo do fundo através da tridimensionalidade que o contra-luz proporciona. Observou-se então que os conceitos construídos pela revista *FFw Mag*, são mais aplicados ao modelo do que ao fundo utilizado.

A pesquisa revelou com base em sua amostra, que a disparidade encontrada está relacionada ao uso do contra-luz, ou seja, em se tratando de fotos produzidas para editoriais de circulação regional pouco se usa a técnica do contra-luz, ao mesmo tempo em que quando sua circulação é nacional a ocorrência do contra-luz é mais marcante.

Quanto às semelhanças, a pesquisa revelou que a direção, natureza e intensidade da luz principal e a não utilização da luz secundária predominaram nas duas revistas analisadas tornando-as semelhantes independente de sua circulação.

---

### **Referências bibliográficas**

Araujo, C. "O modelo comunicativo da teoria do jornalismo". Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) Brasil: Departamento de Comunicação Social da FAFICH/UFMG, 28 nov. 1996.



Arnheim, R. “Arte & percepção visual: uma psicologia da visão criadora”. *Nova versão*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2000. 503p, il. (Biblioteca Pioneira de arte, arquitetura e urbanismo).

Bakhtin, M. (1999). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.

Dondis, D. (2000). *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes.

Guran, M. (1992). *Linguagem fotográfica e informação*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora.

José, H. “Fotografia para principiantes”. Disponível em: <http://dhnet.org.br/w3/henrique/oficinas/fotografiabasica/apostil7.pdf> Acesso 06 abr. 2009.

Lüersen, A. “Fotografia: A escrita da luz”. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0520-1.pdf> Acesso em: 20 abr. 2009.

Machado, A. (2001). *Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas*. São Paulo: Edusp.

McLuhan, M. (1964). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix.

Martins, Z. (1999). *Propaganda é isso aí!* São Paulo: Futura.

Moura, E. (1999). *50 anos luz, câmara e ação*. São Paulo : Ed. SENAC.

Pilla, A. “Análise dos recursos utilizados na edição de vídeos analógicos e digitais dos trabalhos acadêmicos de alunos de publicidade e propaganda”. 2005.126 f, il. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, Palhoça, 2005.

Salles, F. “Apostila de Fotografia”. Disponível em: [http://www.fotoamigos.com.br/home/downloads/Apostila\\_de\\_Fotografia\\_Filipe\\_Salles.pdf](http://www.fotoamigos.com.br/home/downloads/Apostila_de_Fotografia_Filipe_Salles.pdf) Acesso em: 03 maio. 2009.

Saussure, F. (1995). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Editorial D. Quixote.

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Linguagem, Professor da Universidade Regional de Blumenau (FURB). E-mail: [apilla@hotmail.com](mailto:apilla@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduada do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da FURB. E-mail: [amanda@actonove.com.br](mailto:amanda@actonove.com.br)

<sup>3</sup> Mestre em Ciências da Linguagem, Professor da Universidade Regional de Blumenau (FURB). E-mail: [cynthia@furb.br](mailto:cynthia@furb.br)